

MICROVÍDEOS E A EDUCAÇÃO CONECTADA E MÓVEL

MICROVIDEOS AND THE CONNECTED MOBILE EDUCATION

Vivian Martins¹

RESUMO: O artigo aprofunda conhecimentos a respeito do microvídeo, um gênero de vídeo expoente na cibercultura, em especial das mídias sociais contemporâneas. Durante a formação de docentes buscamos trabalhar o uso de vídeos na educação online a partir do método da Pesquisa-formação na cibercultura. O objetivo geral é compreender as potencialidades dos microvídeos na educação em tempos de cibercultura. Surgindo, dessa forma, a seguinte questão de estudos: quais são as singularidades do audiovisual na educação conectada e móvel, tendo em vista as alterações tecnológicas e a criação de microvídeos em contextos diversos do cotidiano? O campo de pesquisa acontece na disciplina Tecnologias e Educação, da graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde desenvolvemos um desenho didático voltado para a produção de cibervídeos. Originando narrativas e reflexões, que são entrelaçadas com os referenciais teóricos da área. A partir das experiências com o microvídeo foi possível mapear características para a sua produção com fins pedagógicos, pensando a formação de docentes para uma educação conectada e móvel.

Palavras-chave: Microvídeos; Educação conectada e móvel; Pesquisa-formação na cibercultura.

ABSTRACT: This article explores knowledge about the microvideo, a genre of video exponent in cyberculture, especially in contemporary social media. During teacher training, we seek to work the use of videos in online education through the method of formation-research in cyberculture. The general objective is to understand the potential of microvideos in education in times of cyberculture. Thus, the following guiding question: what are the singularities of audiovisual in connected mobile education, when we look to technological changes and the creation of microvideos in different contexts of everyday life? The research field takes place in the discipline Technologies and Education, from the graduation course in Pedagogy at the Rio de Janeiro State University, where we developed a didactic design aimed to product cybervideos. This experience created narratives and reflections, which has to do to theoretical references in the area. From the experiences with microvideos, it was possible to map characteristics for its production for pedagogical purposes, when we think of the training of teachers for a connected mobile education.

Keywords: Microvideos; Connected mobile education; Formation-research in cyberculture.

CONSTRUÇÕES INTRODUTÓRIAS

As interfaces digitais podem proporcionar uma educação mais dinâmica, atual, interativa e participativa, por valorizar a interatividade. Aprendizagens múltiplas podem ocorrer, pessoas com perfis e estilos diferentes podem ser contempladas. Para que esse movimento ocorra, é preciso incentivar a formação inicial e continuada dos docentes, para desmistificar, por exemplo, o discurso de que uma mídia substitui um professor. Na verdade, elas potencializam o ato de ensinar e tornam o ato de aprender mais prazeroso e coerente com a realidade atual.

¹Vivian Martins, Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vivian.lobes@ifrj.edu.br

É importante que o professor desmistifique o uso das tecnologias digitais na cibercultura e esteja em formação constante para utilizar as potencialidades da mobilidade ubíqua, e dos recursos multimídia disponíveis, a fim de proporcionar as melhores condições de aprendizagem aos seus alunos. Levando em consideração as práticas sociais que nos cercam há a necessidade de formar *produtoresleitores*² de diferentes mídias oriundas da cibercultura, em especial os audiovisuais (MARTINS; SANTOS, 2020).

Para tanto, foi delineada uma pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2014) constituindo um projeto de formação humana³ que valorize a experiência do pesquisador e dos praticantes⁴ plurais, imersos em suas subjetividades. Buscou-se a valorização do conhecimento comum dos praticantes sobre os audiovisuais, destacando o cotidiano da oficina como o espaço da realização do múltiplo, do criativo, do diverso e do complexo.

No contexto da docência online na educação superior, trabalhamos ao longo da pesquisa de Mestrado e do início da pesquisa de Doutorado, ambas em Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) sobre audiovisuais e educação móvel. Os praticantes da pesquisa são discentes cursando a disciplina Tecnologias e Educação, da graduação em Pedagogia da referida Universidade. O dispositivo⁵ de pesquisa Oficina de produção de cibervídeos⁶ (MARTINS; SANTOS, 2019) foi acionado como ambiência formativa com a turma, proporcionando a produção de vídeos potentes para a educação online, como o microvídeo, por exemplo.

O objetivo geral do presente estudo é compreender as potencialidades dos microvídeos na educação em tempos de cibercultura. Surgindo, dessa forma, a seguinte questão de estudos: quais são as singularidades do audiovisual na educação conectada e móvel, tendo em vista as alterações tecnológicas e a criação de microvídeos em contextos diversos do cotidiano? Na pesquisa-formação na cibercultura, a questão de pesquisa origina a elaboração de um dispositivo formativo que contribui para compreender o fenômeno em questão.

Desenvolveu-se o texto em tópicos específicos: na seção 1, esta introdução, apresentando o objeto de análise, o objetivo principal do artigo e a questão de estudos; na seção 2, o cenário do audiovisual na educação; na seção 3, usos, conceitos e características dos microvídeos; na seção 4, o contexto da educação conectada e móvel; na seção 5, os detalhamentos da pesquisa-formação na cibercultura; na seção 6, as experiências vivenciadas com o microvídeo na pesquisa e os entrelaçamentos com os referenciais teóricos da área, de forma a alcançar o objetivo almejado; por fim, algumas considerações conclusivas, sintetizando os conteúdos sobre os quais se versou o texto.

O CENÁRIO DO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO

Uma justificativa para o uso de vídeos é a aproximação com a realidade dos estudantes. “Não mais a preparação da escola para a vida e sim a compreensão de que a escola é também um lugar de vida”, observa Barbosa (2012, p. 70). A cibercultura promoveu alterações nos hábitos e

² Adotamos tal forma de inscrita inspirada em Alves (2008), para quem a escrita conjunta dos termos atua como um posicionamento contra a ciência moderna que separa as palavras como semelhantes, mas opostas entre si.

³ Buscamos desenvolver procedimentos éticos que conversavam com a produção do conhecimento em educação e que entrelaçassem investigações sobre a própria prática e em ambientes online. Nossas ações visavam primordialmente o respeito aos praticantes que contribuem para a construção da pesquisa, responsabilidade, autenticidade, justiça e outros valores éticos e morais que configuram a tônica para investigações sérias e implicadas.

⁴ “Termo de Certau (1994) para aquele que vive as práticas/táticas cotidianas.” (ALVES, 2008, p. 10)

⁵ Assumimos o conceito de dispositivo a partir de Ardon (2003), para quem os dispositivos são modos e meios utilizados pelos sujeitos para expressar noções necessárias ao pesquisador para compreender os fenômenos.

⁶ Denominamos cibervídeos os vídeos produzidos na cibercultura, diferente dos gêneros audiovisuais de forma abrangente, como um documentário.

nas preferências, a maneira como as pessoas utilizam o seu tempo foi reconfigurada. Tomé e Soares (2015) indicam que a terceira atividade mais comum dos jovens na internet é assistir a vídeos. Desta forma, consideramos a importância de entendermos o audiovisual como uma potência educacional e não exclusivamente como entretenimento. Espera-se que o professor trabalhe com a linguagem audiovisual, criando ambiências para que os alunos mobilizem saberes críticos e reflexivos.

Contudo, em alguns contextos educacionais, o audiovisual ainda é alvo de críticas, como por exemplo: “hoje é filme ou é aula?” ou “aquele professor não tem conteúdo e passa vídeo.” Babin e Kouloumdjian (1989) indagam o motivo da resistência ao audiovisual. Acreditam que uma das razões possa ser a negação da imaginação ou da afetividade nos processos educacionais. E acrescentam:

na mente dos homens que detêm o poder cultural, qualquer expressão imaginária ou afetiva está ligada ao lazer, à arte, à manipulação. Quando um de nós começou a fazer cursos de audiovisual na universidade, um dos colegas disse: “Ele está se divertindo” (BABIN; KOULOUMDJIANM, 1989, p. 106-107).

Frases similares à mencionada pelos autores são proferidas em muitos diálogos na relação entre audiovisual e educação, desconsiderando fatores como emoção para a efetividade dos processos cognitivos. Acreditando nas múltiplas potencialidades para a aprendizagem nos usos audiovisuais, apostamos no desenvolvimento de docentes para práticas com vídeos. De forma a trabalhar interdisciplinarmente, tanto na formação para a compreensão dos meios de comunicação, quanto para proporcionar a expressão e a criação audiovisual por professores e estudantes (MARTINS, 2019).

Babin e Kouloumdjianm (1989) descrevem as diferentes fases e os mecanismos do ato de compreender pelo audiovisual: choque audiovisual, estado emocional ambíguo, elaboração do sentido e a distância. Mais especificamente, o choque audiovisual é o efeito surpresa e de ruptura; o estado emocional ambíguo caracteriza-se pela confusão de sentir e não saber qual é a emoção; a elaboração do sentido ocorre quando aquele que recebe a mensagem audiovisual sai da confusão mental; e a última etapa, da distância, proporciona reflexão, conceitualização, apropriação e julgamento crítico do que se viu e sentiu.

As fases do audiovisual, citadas anteriormente, são didáticas e engrandecem o seu uso na educação online quando o professor considera tal informação para o desenvolvimento dos vídeos e de seu desenho didático. Com o choque audiovisual, é possível chamar a atenção do aluno para a temática, com sentimentos e emoções do estado emocional ambíguo. Pensando psicologicamente, pode-se pensar na elaboração do sentido, de associações e identificações de um conteúdo educacional. Talvez nos falem palavras para descrever uma situação, então o audiovisual contribui para o processo de compreensão de informações e de construção do conhecimento de forma crítica, que a distância propicia.

A dimensão que o audiovisual tomou na cibercultura é enorme, os dispositivos móveis proporcionaram aumento exponencial na produção e no compartilhamento de vídeos, em especial, os microvídeos. Com as potencialidades que o digital em rede proporcionou, os audiovisuais contemporâneos ganham maior circulação e se destacam no cotidiano das pessoas, se comparados com os audiovisuais analógicos, gravados com filmadoras, armazenados em fitas e de difícil armazenamento, manutenção e reprodução.

Pesquisas Americanas (CISCO, 2016) indicam que o tráfego de vídeos responde por mais da metade (55%) de todo o tráfego de dados móveis e a estimativa para 2020 é que esse tráfego

alcance 75% dos dados, como podemos identificar na imagem a seguir⁷.

Trend 5: Profiling Mobile Applications Use and Bandwidth Consumption Patterns

Because mobile video content has much higher bit rates than other mobile content types, mobile video will generate much of the mobile traffic growth through 2020. Mobile video will grow at a CAGR of 52 percent between 2015 and 2020, higher than the overall average mobile traffic CAGR of 53 percent. Of the 30.6 exabytes per month crossing the mobile network by 2020, 23.0 exabytes will be due to video (Figure 26). Mobile video represented more than half of global mobile data traffic beginning in 2012, indicating that it is already affecting traffic today, not just in the future.

Figure 26. Mobile Video Will Generate Three-Quarters of Mobile Data Traffic by 2020



Figures in parentheses refer to 2015 and 2020 traffic share.

Source: Cisco VNI Mobile, 2016

One consequence of the growth of video in both fixed and mobile contexts is the resulting acceleration of busy-hour traffic in relation to average traffic growth. Video usage tends to occur during evening hours and has a "prime time," unlike general web usage that occurs throughout the day. As a result, more video usage means more traffic during the peak hours of the day. Globally, mobile busy-hour traffic will be 88 percent higher than average-hour traffic by 2020, compared to 66 percent in 2015. Peak traffic will grow at a CAGR of 56 percent between 2015 and 2020, compared to 53 percent for average traffic (Figure 27).

Figura 1. Cisco Visual Networking. Index in Global Mobile Data Traffic Forecast Update, 2015–2020

Fonte: Cisco, 2016.

O compartilhamento dos audiovisuais aumentou significativamente; já contamos com mídias sociais somente para vídeos – como YouTube, Snapchat, Periscope, Vimeo – e as mídias sociais que adaptaram serviços para incluir os vídeos, como Twitter, Instagram, Pinterest e Facebook. No caso dos microvídeos, em especial, o Snapchat, o Twitter, o Instagram e o Vine. Sem contar os inúmeros aplicativos que emergem a todo instante e contribuem para criações e edições audiovisuais próximas às profissionais.

Todas as mídias sociais listadas acima apresentam potenciais educacionais. O uso do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) aos poucos se reconfigura, pela grande variedade de opções que os docentes podem explorar. Alguns já migraram seus cursos para os grupos do Facebook e Instagram, como forma de atingir pontualmente os praticantes, já que eles entram em suas mídias sociais com mais frequência do que no AVA e acabam recebendo notificações e acessando os conteúdos educacionais rapidamente.

E outros continuam com o espaço formal, mesclando com as mídias sociais, de forma a potencializar as interações por caminhos diversos. Os ambientes virtuais de aprendizagem formais, como o Moodle e o Blackboard, por exemplo, têm sido utilizados como espaços de estruturação do desenho didático e de formalização do percurso formativo, já que o Facebook também utilizado, mas escalona as informações por data e não apresenta uma trilha de aprendizagem fixa.

Pensando em todas as evoluções da educação e nas práticas ciberculturais emergentes, há de se considerar os vídeos com maior produção na atualidade como potência para os processos pedagógicos. Todos os fatores expostos demonstram a necessidade de repensar a sala de aula,

⁷ “Mobile video traffic accounted for 55 percent of total mobile data traffic in 2015. (...) Three-fourths (75 percent) of the world’s mobile data traffic will be video by 2020.” (CISCO, 2016)

considerando os sujeitos que ali adentram, que produzem fora da escola, mas muitas vezes não se permitem criar dentro dos muros educacionais. Como se a escola fosse algo separado da vida. Por este motivo, a opção por pesquisar os microvídeos e os acontecimentos decorrentes de sua concepção. Sobre eles falaremos na sequência.

MICROVÍDEO: USOS, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

O microvídeo é um gênero de cibervídeo produzido com o intuito de ter curta duração. Está dentro do conceito de microconteúdos enquanto objeto de aprendizagem, tendo em vista os usos de dispositivos móveis que se disseminam nos cotidianos da cibercultura. São poucas as referências ao microvídeo na literatura, entretanto autores como Estaravengo Junior, Santini e Chaves (2015) estudaram e dividiram as características dos microvídeo em três categorias: conteúdo, duração e tecnologia, conforme podemos observar a seguir:

assim, microvídeos podem ser definidos por um conteúdo de escopo (assunto, tema, ideia) bem delineado e com finalidade própria, inclusive para tratar de assuntos grandes e/ou complexos, utilizando para isso recursos variados, como imagens, animações e referências externas, sem com isso ser uma redução do tema. Por esse motivo, microvídeos não podem ser confundidos como simples resumos de um vídeo – o melhor exemplo disso é que um trailer de um filme não é necessariamente um microvídeo. Da mesma forma, microvídeos podem ser definidos pela sua objetividade, uma vez que representam respostas rápidas a uma ideia prevista no escopo, sem utilizar para isso técnicas de condensação do conteúdo – o que incorreria em simples reducionismo de um tema. Nesse sentido, microvídeos também podem ser caracterizados por seu conteúdo fragmentado – embora, como destacado anteriormente, não se trate de uma redução do tema. Quando uma ideia se torna grande demais para ser comportada em um microvídeo, recorre-se à técnica de encadeamento ou sequenciamento, em que microvídeos são agrupados em uma sequência cronológica para criar uma ideia mais ampla. Em todo caso, cumpre destacar que cada microvídeo representa um escopo, o que o torna independente dos demais (ESTARAVENGO JUNIOR, SANTINI & CHAVES, 2015, p. 7).

Importante destacar da fala dos autores que os microvídeos não são resumos de vídeos, são elaborados propositalmente para serem curtos, dinâmicos e objetivos. A possibilidade de compartilhamento é uma das propulsoras do cibervídeo, pois compartilhar vídeos consome mais recursos do pacote de dados da internet dos dispositivos móveis. A tendência por vídeos curtos pode estar atrelada à limitação de perfil do usuário (que talvez prefira elaborar microvídeos para utilizar poucos dados de internet) e à limitação técnica (para as empresas de mídias sociais diminuírem a quantidade de espaço de armazenamento dos recursos).



Figura 2. Relação entre o compartilhamento de vídeos e sua duração

Fonte: Ciatec, 2015.

Historicamente, o microvídeo teve origem da publicidade, como as propagandas na

televisão, curtas e dinâmicas. Mas foram potencializados a partir das mídias sociais, como por exemplo: *Snapchat* – 60 segundos; Instagram – Feed de até 60 segundos e Stories de até 15 segundos; *Twitter* – 2 minutos e 20 segundos de vídeo, *TikTok* – até 60 segundos. Como a dinâmica de funcionamento dos aplicativos muda constantemente, informo que tais tempos foram observados em março de 2021. Por exemplo, nos últimos meses da primeira pesquisa (mestrado), alguns estilos de microvídeos foram adicionados pelo Instagram e hoje alguns estão consolidados e outros descontinuados. O aplicativo *Boomerang*, que permite a produção de vídeos em *loop* com duração de 1 segundo, e o aplicativo *Hyperlapse*, que cria vídeos com base em imagens, com efeito de lapso de tempo, acelerados à velocidade de até 12x.

A grande facilidade dos microvídeos, em especial com as dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos e à conexão pela população brasileira, está em questões de armazenamento e de precisar de poucos dados para download e upload, tornando um conteúdo educacional acessível. Como se pode identificar a partir da citação de Melo (2015):

a pertinência do tema se justifica pelo fato de os conceitos “microvídeo”, “microconteúdo” e “aprendizagem com mobilidade” estarem, aos poucos, sendo introduzidos nos debates educacionais, por força da associação desses conceitos às tecnologias móveis. A geração de jovens estudantes dos dias atuais, também conhecida como “nativos digitais”, mostra-se receptiva a conteúdos e/ou informações veiculadas em microvídeos, sendo, portanto, uma oportunidade a ser aproveitada, a fim de proporcionar a essa juventude aprendizagem mais produtiva (MELO, 2015, p. 1 e 2).

A educação ubíqua é um paradigma educacional, que emerge dos usos pedagógicos com dispositivos móveis, podendo ocorrer em qualquer tempo e lugar, de forma adaptada, contínua e integrada ao cotidiano, e é realizada considerando as características do contexto de mobilidade dos sujeitos. Ou seja, considerar a educação e a ubiquidade ocasiona práticas cotidianas arrojadas e o desenvolvimento de conteúdos adaptados ao contexto contemporâneo.

Os microvídeos podem contribuir para a educação conectada e móvel, atendendo às necessidades do usuário em mobilidade. Souza (2016) realçam seis elementos que devem ser considerados na elaboração dos roteiros para a produção dos microvídeos: design, usabilidade, interatividade, linguagem, mobilidade e conectividade.

Microvídeos não requerem conhecimentos especializados para a sua elaboração, o que não significa que a qualidade técnica do vídeo seja inferior. Ele pode apresentar qualidade gráfica, de imagem e de som, sem perder a característica temporal. Pesquisas da *Blueprint Solutions Ltd.* (2012) indicam que os “vídeos mais curtos, de até 3-4 minutos, são melhores para manter a atenção de quem assiste até o fim”. Pode-se inferir dos dados da pesquisa que a concentração da audiência tende a cair em casos de vídeos com mais de 4 minutos.

Pensando na aplicabilidade educacional, os microvídeos podem retratar práticas cotidianas, incentivar a autoria pelos alunos ou reproduzir conteúdo curriculares. São aplicações com potencial provocativo aos discentes, pela característica dinâmica e tecnológica que o cibervídeo apresenta, condizente com a realidade cultural contemporânea, e para os docentes, pela capacidade de atualização constante que educar na cibercultura requer.

Pedagogicamente, o microvídeo pode assumir inúmeros objetivos: introduzir, desenvolver ou concluir um assunto, motivar a pesquisa, convidar estudantes à autoria em projetos diversos, apresentar um histórico, uma evolução ou contar uma história. Basta que o professor deixe a criatividade e a imaginação fluírem para elaborar atividades didáticas, sabendo que os recursos exigidos não são muitos e o retorno pode ser muito positivo.

Mapeamos alguns microvídeos educativos que foram postados nas mídias sociais recentemente, como forma de exemplificar de que gênero audiovisual estamos nos referindo. De

trinta segundos a dois minutos e quinze segundos, professores renomados abordam diversos assuntos relacionados à educação

Quadro 1. O Exemplos de microvídeos disponibilizados no *YouTube*

EXEMPLO	ACESSO	OBSERVAÇÃO
A professora Nilda Alves aborda o uso de narrativas e imagens na pesquisa nos/dos/com os cotidianos.		Em 2 minutos e 13 segundos, de forma direta e centrada, a professora aborda a temática das narrativas e imagens como “Personagens Conceituais” (DELEUZE, 1995).
O professor António Nóvoa comenta os desafios na educação do século XXI.		O objeto de aprendizagem de fácil circulação apresenta uma fala do professor português em 2 minutos 15 segundos sobre a escola que queremos hoje e o papel do professor.
Entrevista com a professora Ana-Paula Correia sobre sua percepção profissional, intitulada “ <i>Do you feel you are a researcher or designer?</i> ”		Em 32 segundos, de forma objetiva, a professora destaca sua opção por não se submeter a rótulos. O vídeo faz parte de uma série de perguntas que podem ser utilizadas em conjunto ou separadas, dependendo da proposta do praticante.

Fonte: Autora, 2021.

Os vídeos foram escolhidos pelos temas, pela duração e pela tecnologia, para exemplificar o que são os microvídeos. A escolha foi amparada por Estaravengo Junior, Santini e Chaves (2015), que criaram os parâmetros para definição de microvídeo, entre 6 segundos e 10 minutos. E acrescentam:

as características de microvídeo podem ser agrupadas em três categorias: conteúdo, duração e tecnologia. De forma geral, as principais características estão no conteúdo – ou, dito de outra forma, na mensagem que está sendo transmitida –, independente da duração e tecnologia empregadas. (ESTARAVENGO JUNIOR, SANTINI; CHAVES, 2015, p. 6-7),

Os autores definem o microvídeo como um vídeo com tema bem delineado, de curta duração, objetivo, com recursos variados, com qualidade gráfica que atenda aos dispositivos móveis e que “uma das principais características dos microvídeos é o engajamento, uma vez que microvídeos podem ter alto poder de prender a atenção da audiência e motivar o engajamento do espectador” (ESTARAVENGO JUNIOR, SANTINI & CHAVES, 2015, p. 7).

O microvídeos se destacam na contemporaneidade pela evolução do uso de dispositivos móveis, das redes sociais, da ubiquidade e da mobilidade. A ressignificação que os smartphones trouxeram para sociedade contemporânea agregaram práticas na educação. Importante considerar tais fatores para pensar práticas pedagógicas em conexão e mobilidade, de forma a proporcionar processos de *aprendizagem e ensino* coerentes com a cultura contemporânea. Abordaremos a

seguir essa perspectiva educacional.

A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO CONECTADA E MÓVEL

Hoje, no começo do século XXI, os territórios informacionais (agora telemáticos e digitais) estão em expansão planetária, utilizando ferramentas ubíquas e permitindo uma mobilidade informacional (emissão e recepção de informação) acoplada a uma mobilidade pelo espaço urbano. Esses exemplos mostram formas de criar sentido, apropriar e estabelecer contatos por meio das superfícies dos espaços urbanos, pelas tecnologias da mobilidade digital. Essa nova mobilidade informacional, a mobilidade tecnológica (a dos dispositivos), pode permitir uma nova maneira de compreender, dar sentido e criar vivências no espaço das cidades contemporâneas (LEMOS, 2010, p. 164).

Onze anos depois, as vivências em hipermobilidade se intensificaram, os dispositivos móveis tornaram-se nossos grandes companheiros, a previsão de Lemos (2010) de que a mobilidade informacional poderá instaurar novos modos de viver em sociedade se cumpriu. Não só a comunicação e a informação ficaram acessíveis de qualquer *espaço e tempo*, mas os aplicativos acrescentaram funcionalidades inesperadas, possibilitando criações em rede, organização cotidiana e processos educacionais.

O acesso se tornou livre e frequente, com a liberdade e a facilidade de obtenção de informação a qualquer momento, desde que esteja em conexão. No melhor dos casos⁸, não estamos mais conectados, como algo que acontece em momentos específicos, somos conectados, a todo tempo. A questão do *espaço e tempo* é ressignificada, a partir da junção entre os espaços físicos da cidade e os espaços informacionais, os espaços intersticiais, de acordo com Santos e Weber (2013, p. 288):

[...] temos a constituição de espaços criados pelas redes telemáticas sem fio e espaços físicos, chamados por Santaella (2010) de espaços intersticiais, ou seja, misturas inextricáveis entre os espaços físicos e o ciberespaço, possibilitadas pelos dispositivos móveis.

Os espaços públicos foram redesenhados, se entrelaçando com as vias informacionais, com as mídias locativas, com os aportes tecnológicos físicos ou intangíveis à disposição e a cidade como interface para o digital. O praticante circula em ubiquidade pela cidade e nos “territórios informacionais” – os espaços produzidos socialmente e redimensionados pelas tecnologias de comunicação (LEMOS, 2010, p. 155) –, ou seja, não precisamos mais sair de qualquer espaço físico para entrar no ciberespaço.

Para Santaella (2013) estamos vivendo o estágio da conexão contínua, ele “é constituído por redes móveis de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos” (p. 285). Esse estágio afeta diretamente formas de educar e aprender, proporcionando aprendizagens abertas, a qualquer *espaço e tempo*, colaborativas, personalizadas e interativas. Novas modalidades de interlocução são instauradas, desta forma, precisamos pensar que processos educativos não estão condicionados às quatro paredes da sala de aula, a *aprendizagem e ensino* acontece em rede.

Com a convergência dos dispositivos móveis inteligentes, inúmeras possibilidades antes dispersas, encontram-se reunidas e sistematizadas nos aplicativos e em conectividade, possibilitando novos usos e novos atos educativos. É importante repensar as metodologias de ensino e de pesquisa, valorizando as táticas instauradas por praticantes, e compreender as formas

⁸ Digo no melhor dos casos sem ignorar as inúmeras potencialidades existentes na era da conexão, mas considerando a dificuldade de acesso, aquisição de equipamentos tecnológicos e a conexão limitada que passamos em nosso país.

como eles estão se apropriando na cibercultura e refletindo em práticas pedagógicas que pensem usos para tais funcionalidades.

Quinn (2011) identificou quatro Cs (que os dispositivos móveis facultam): consumo de conteúdos, interação com as capacidades computacionais dos dispositivos móveis, capacidade de comunicar com os outros e a possibilidade de facilmente se capturar o contexto através de vídeo, imagem, áudio, localização e tempo (CARVALHO, 2015, p. 09).

As possibilidades que advêm da ubiquidade são de suma importância para a educação conectada e móvel. Podemos selecionar as seis possibilidades principais: portabilidade, hiper mobilidade, captura de dados, convergência de mídias, interatividade e colaboração. As vantagens de maior relevância estão em concordância com Carvalho (2015) e são relacionadas à personalização do estudo, a conectividade, a colaboração e a autoria, os microvídeos são exemplos de audiovisuais que congregam tais características. As possibilidades autorais intensificam-se com as arquiteturas líquidas do ciberespaço, não podemos deixar de explorá-las.

Hoje os celulares adicionaram múltiplas funcionalidades além das ligações e a utilização pelos estudantes, orientada por professores, permite o acesso à informação de qualidade ou até contextualizada com o conteúdo curricular, por exemplo. Santaella (2013) diz que “a ecologia midiática hipermóvel e ubíqua afeta, sobretudo a cognição humana. Ao afetar a cognição, produz repercussões cruciais na educação (p. 18)”. Pensar a educação conectada e móvel é também refletir sobre táticas para a formação integral dos estudantes, contribuindo para a sua atuação no mundo contemporâneo.

Cientes de que a escola é um lugar de vida e não pode estar apartada das culturas daqueles que ali adentram, ressalta-se a importância da educação conectada e móvel para intensificar o processo de *aprendizagem e ensino*. Com a criação de aplicativos educacionais, imersivos e lúdicos, como os jogos e os ambientes virtuais de aprendizagem, processos didáticos podem ser idealizados para a consecução de projetos educacionais contemporâneos, os microvídeos corroboram com o desenvolvimento de produtos educacionais que possam reforçar a interatividade conectada e móvel entre educandos. Pesquisar esse fenômeno emergente torna-se fundamental. Passaremos, a seguir, para o método que foi utilizado para alcançar o objetivo geral da presente pesquisa e responder às questões de estudos delineadas.

A PESQUISA-FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA

A pesquisa é sempre um ato criativo, resultante de uma construção artesanal, pois requer escolhas de matrizes teóricas e arranjos metodológicos que vão compor o caminho da investigação e análise (SPINK et al., 2014, p.231).

Ao pensar à docência Barbosa (apud. BORBA, 1997) conclui que a questão principal para a educação brasileira é o despertar dos alunos de Pedagogia para a criação. “É comum encontrarmos alunos, nos últimos semestres do curso de Pedagogia, com visível desânimo, descrédito e incapacidade de reação perante o fazer educativo” (BARBOSA apud BORBA, 1997, p. 10). O reconhecimento da educação perante a sociedade é cada vez menor, o desmonte dos governos a esse setor tão importante também contribuem para o “desânimo” mencionado pelo autor. Contudo, apesar desses fatores, precisamos continuar criando formas de resistir.

Barbosa (1997) coloca o professor-sujeito-cidadão-século XXI como opção, uma vez que se apresenta como um sujeito em constante questionamento, “pesquisador do mundo em transformações abruptas” (p. 12), autorizado a produzir uma obra criativa e singular para os novos tempos e a nova escola que se apresenta. Esse professor que queremos formar a partir das nossas

práticas educativas com a pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2014), docentes ávidos por novidades e que se autorizam a elaborar e produzir audiovisuais na educação.

O método da pesquisa-formação na cibercultura parte da pesquisa da docência online, não separando a docência da investigação acadêmica, todos são investigados nesse processo, formando e se formando em rede. O primeiro passo da pesquisa são os dilemas docentes, que é toda inquietação que vem da prática do professor, é o que promove a necessidade de pesquisar algum assunto. Os dilemas podem emergir da relação com o aluno, das tensões das práticas curriculares, dos processos políticos, das inquietações das cenas contemporâneas e do lugar de onde o docente está falando (SANTOS, 2014).

O docente elabora o desenho didático com instrumentos ciberculturais em uso pelos praticantes, que façam sentido para eles, e, como já mencionado, aciona dispositivos de pesquisa, que se configuram na atividade para ir ao encontro da narrativa, neste caso o dispositivo foi a Oficina de produção de cibervídeos. A proposta foi produzir os cibervídeos mapeados na primeira etapa da pesquisa (hipervídeo, microvídeo, videoaula, videoconferência, vídeo instantâneo, vídeo volátil e webinar), de forma a compreender os saberes mobilizados para a sua construção, as possíveis aplicações de cada um na educação online e os processos de implicação e autorização dos praticantes na produção audiovisual.

Os praticantes aprofundaram os conhecimentos sobre mídia, multimídia, hipermídia. “Educar para a mídia”, “educar por meio da mídia” e “educar com a mídia” (DUARTE; ELEÁ, 2016) e, mais especificamente, sobre os cibervídeos. Com o advento da cibercultura, a disseminação de imagens dinâmicas e estáticas tomou um vulto grandioso, principalmente com a utilização de redes sociais, como o *TikTok*, o *Instagram*, o *Facebook*, o *Pinterest* e outras.

O dispositivo de pesquisa contou com sete encontros presenciais e conversas online. Nos três primeiros encontros abordamos os gêneros de cibervídeos mapeados, dialogamos com os praticantes para explorar conhecimentos prévios e impressões sobre a temática, trabalhamos conceitos e a prática da roteirização audiovisual, do planejamento para a gravação e foram orientados tecnicamente sobre a produção dos vídeos. Os outros quatro encontros presenciais foram destinados às apresentações dos resultados do trabalho e debates posteriores, que foram gravados em vídeo, originando as principais narrativas para encontrar os achados da pesquisa.

Ao longo do método, a posição de docente é trocada em muitos casos, pois em alguns momentos estamos aprendendo, em outros estamos ensinando, em outros momentos estamos questionando nossa *práxis* ou compreendendo o fenômeno que se instaura junto com a produção dos praticantes da pesquisa. Ao longo desse ir e vir, a pesquisa é delineada, o processo formativo acontece para todos os envolvidos e muitos rastros são deixados, como materializações dos processos de *aprendizagem e ensino*.

A emergência dos dados se materializa a partir das conversações e das práticas pedagógicas do dispositivo de pesquisa. Os praticantes deixam pistas na forma de narrativas textuais, imagens, sons e audiovisuais no atravessamento do ciberespaço, produzindo memórias formativas, momentos e acontecimentos em constante atualização, relacionados com a plasticidade das tecnologias digitais. Na pesquisa-formação na cibercultura, conversamos com esses dados para compreender as inquietações da pesquisa, dialogando entre os referenciais teóricos e as experiências do campo. Sobre esses dados serão as próximas reflexões.

AS EXPERIÊNCIAS COM O MICROVÍDEO NA PESQUISA: POSSIBILIDADES E RESULTADOS

O dispositivo de pesquisa oficina de produção de cibervídeos foi acionado pela pesquisadora com praticantes da disciplina Tecnologias e Educação, da graduação em Pedagogia

da UERJ. Dividimos a turma em sete grupos, de forma a produzir os cibervídeos mapeados, de acordo com os temas do texto de Duarte e Eleá (2016); educar com a mídia, educar para a mídia e educar por meio da mídia.

O grupo 1 ficou com o tema educar com a mídia, produzindo o microvídeo e o vídeo volátil e gravou uma sequência de microvídeos, cada um com aproximadamente 10 segundos, eles não fracionaram o conteúdo, mas cada integrante falou uma questão sobre educar com a mídia. Ao final do vídeo inseriram o vídeo volátil gravado em uma aula na UERJ, o vídeo foi transmitido pelo *Snapchat*, mas para ficar registrado, no momento da edição inseriram no vídeo geral, totalizando 1 minuto e 58 segundos.

#	Categoria	Característica
1	Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Fragmentação: nos microvídeos a informação pode estar fragmentada, embora não esteja reduzida. - Sequenciamento: microvídeos podem ser encadeados/sequenciados em uma ordem cronológica para apresentar um conteúdo mais amplo, embora cada vídeo represente uma unidade independente. - Escopo: microvídeos podem representar grandes ideias utilizando recursos visuais variados, como imagens, animações e referências externas; têm escopo delimitado e finalidade própria, não podendo ser definidos como apenas o resumo de um vídeo. - Objetividade: microvídeos podem representar uma resposta rápida e direta a uma ideia foco/problema; são objetivos sem ser reducionistas. - Engajamento: microvídeos podem agir como motivadores; têm o poder de despertar a atenção e engajar o espectador.

Figura 3. Característica do microvídeo.

Fonte: Estaravengo Junior, Santini e Chaves, 2015.

Os praticantes da pesquisa, autores do microvídeo e do vídeo volátil, utilizaram as cinco características mencionadas por Estaravengo Junior, Santini e Chaves (2015, p. 8) para a produção do microvídeo: fragmentação, com cada autor falando uma parte do trabalho; sequenciamento, com a edição disponibilizando os vídeos independentes, mas em sequência; escopo, com a temática educar com a mídia bem delineada; objetividade, abordando a temática com precisão; e engajamento, chamando os espectadores para ação.

Importante ressaltar o não fracionamento do conteúdo, no sentido dos vídeos não serem cortados ou resumidos, eles foram elaborados propositalmente com objetividade. Os praticantes que estão em outros grupos comentaram no ambiente virtual de aprendizagem da turma a produção dos colegas do grupo 1 e salientaram a dificuldade de produzir vídeos curtos.



Re: Oficina de Produção Audiovisual - Microvídeo e Vídeo Volátil

quarta, 14 dezembro 2016, 16:54

que legal, vocês arrasaram!! Um vídeo volátil por ser curto deve ser bem produzido, e talvez esse seja o maior desafio. Amei, muito bem explicado.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)



Re: Oficina de Produção Audiovisual - Microvídeo e Vídeo Volátil

quarta, 14 dezembro 2016, 16:59

Parabéns para o grupo! É um desafio enorme com pouco tempo transmitir tanta informação, mas vocês conseguiram explicar de forma rápida e coerente.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)



Re: Oficina de Produção Audiovisual - Microvídeo e Vídeo Volátil

quarta, 14 dezembro 2016, 18:13

Posso dizer que foi um dos que eu mais me surpreendi ainda mais por serem vídeos tão rápidos. De maneira dinâmica e divertida trouxe a realidade. Eu literalmente adorei!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Figura 4. Transcrição das mensagens trocadas no Fórum de discussão do Grupo 1

Fonte: Autora, 2021.

Como mencionado anteriormente, Souza (2016) realçam seis elementos que devem ser considerados na elaboração dos roteiros para a produção dos microvídeos: design, usabilidade, interatividade, linguagem, mobilidade e conectividade. Há a possibilidade de reconhecer todos os elementos na produção do grupo 1. A interatividade é proporcionada pelas mídias sociais em que os vídeos foram postados. Os elementos usabilidade, mobilidade e conectividade podem ser identificados pela duração do vídeo e estar disponível em rede, ampliando possibilidades de comunicação e disseminação dos objetos de aprendizagem no ciberespaço.



Re: Oficina de Produção Audiovisual - Microvídeo e Vídeo Volátil

quarta, 14 dezembro 2016, 18:59

O grupo está de parabéns, pois usaram um app que nós usamos para postar fotos e vídeos como meio de educar né, realmente educaram com a mídia! Muito bom e divertido o vídeo!

Figura 5. Transcrição das mensagens trocadas no Fórum de discussão do Grupo 1

Fonte: Autora, 2021.

Vídeo como conteúdo de ensino. Vídeo que mostra determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares. (MORAN, 1995, p. 05)

A praticante salientou que o grupo utilizou um aplicativo que muitos usam para o lazer e a distração, com fins educacionais. Essa era a finalidade do trabalho, que os praticantes pudessem ver os vídeos com fins pedagógicos, independente da interface em que estão inseridos: o “vídeo como conteúdo de ensino” (MORAN, 1995). Desta forma, pode-se deduzir que os praticantes da pesquisa atingiram o objetivo geral, que era compreender as potencialidades dos microvídeos na educação em tempos de cibercultura. Valorizando, desta forma, o microconteúdo como potencial para a educação conectada e móvel, para uma mediação condizente com o perfil dos alunos da contemporaneidade.

PENSAMENTOS CONCLUSIVOS

Iniciamos o trabalho com a seção “O cenário do audiovisual na educação” com uma breve

contextualização sobre o vídeo por olhares educacionais, as sensações, os sentidos que ele provoca, a aproximação com o universo dos jovens, a possibilidade de criação e de autoria desses sujeitos do ciberespaço e os usos feitos com o audiovisual como acontecimentos a serem explorados, principalmente na educação conectada e móvel.

Passamos para o estudo mais aprofundado sobre o microvídeo, apresentando seus usos, conceitos e características principais. Como um gênero de vídeo recente, estudar as referências publicadas e compreender o que elas apresentam de competências, histórico e aplicações, faz-se importante para um melhor exame do fenômeno em questão. Finalizamos o tópico com um mapeamento de microvídeos produzidos por professores ou praticantes reconhecidos no ciberespaço, disponíveis em mídias sociais diversas, como forma de exemplificar de que gênero de vídeo estamos nos referindo.

Em face aos usos realizados pelos microvídeos, há o pensamento sobre a educação conectada e móvel. Foram realizadas reflexões sobre a evolução cibercultural a partir dos espaços intersticiais, possibilitando a conexão em qualquer *espaço e tempo*. Para Santaella (2013) estamos vivendo o estágio da conexão contínua e esse estágio afeta diretamente formas de educar e aprender, com a *aprendizagem e ensino* ocorrendo em rede. Como a maior parte do acesso à internet pelos brasileiros é realizada por dispositivos móveis inteligentes há a necessidade de repensar as metodologias de ensino e de pesquisa, de forma a refletir sobre práticas pedagógicas que pensem na acessibilidade e em usos em hipermobilidade: os microvídeos são possibilidades de suma importância para a educação contemporânea.

Apresentamos o relato sobre o método escolhido, a pesquisa-formação na cibercultura, e o dispositivo de pesquisa Oficina de Produção de Cibervídeos, de onde emergiram narrativas textuais, imagéticas e audiovisuais mencionados no presente texto na seção “as experiências com o microvídeo na pesquisa”, onde expomos o microvídeo realizado pelos praticantes da pesquisa e dialogamos com as narrativas deles com os teóricos da área, como forma de responder à questão de estudos.

Apresentamos as possibilidades e os resultados advindos das experiências com o microvídeo na pesquisa, por meio dos dados emergentes da pesquisa-formação na cibercultura. Os dados se materializaram através de narrativas audiovisuais, imagéticas e textuais e contribuíram para a compreensão da questão que se manifesta e para alcançar o objetivo geral do presente estudo. O trabalho do grupo 1 proporcionou um entendimento prático sobre a criação de microvídeos, considerando elementos fundantes para a produção dos microvídeos: design, usabilidade, interatividade, linguagem, mobilidade e conectividade.

Desenvolver uma pesquisa-formação na cibercultura instiga a docência e a pesquisa em uma relação única e implicada; o olhar para a práxis muda, a preocupação com a pesquisa e com os praticantes também. Estudar os microvídeos partiu da necessidade de compreender os fenômenos audiovisuais contemporâneos e como podem ser aplicados em contextos de educação conectada e móvel. Para a construção de uma educação cada vez mais contextualizada com a cultura contemporânea e para a formação de docentes cada vez mais implicados em uma educação cibercultural. Vamos em frente!

REFERÊNCIAS

BABIN, P.; KOULOUMDJIAN, M. **Os novos modos de compreender:** a geração do audiovisual e do computador. Trad. Maria Cecília Oliveira Marques. São Paulo: Paulinas, 1989.

BORBA, S. C. **Multirreferencialidade:** na formação do “professor-pesquisador”: da conformidade à complexidade. Alagoas: EdUFAL, 1997.

MACEDO, R. S.; BARBOSA, J. G.; BORBA, S. (Orgs.). **Jacques Ardoino & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SANTOS, E. (Org.). **Mídias e tecnologias na educação presencial e a distância**. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

MARTINS, V. A educação online e a formação para a videodocência na cibercultura. **Revista Educação UNISINOS**, v. 23, s.n, 2019. p. 390-407.

MARTINS, V.; SANTOS, E. A produção de cibervídeos na formação de professores: reflexões para a educação online. **Revista EmRede - Revista de Educação a Distância**, v. 6, s/n, 2019. p. 221-233.

MARTINS, V.; SANTOS, E. Táticas audiovisuais na educação online: uma bricolagem com vídeos. **Revista Interfaces da educação**, v. 11, s/n, 2020. p. 235-258.

MELO, D. B. *et al.* O processo de materização (ou técnica de produção) do microvídeo digital para a internet. **Revista Inovaeduc**, s/v, n. 3, 2015.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**. São Paulo, s/v, n. 2, 1995. p. 27-35.

SANTOS, E. O. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SPINK, M. J. et al. (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (publicação virtual), 2014.

SOUZA, M. I. *et al.* Produção de microvídeos para dispositivos móveis na temática do Código Florestal brasileiro. **EAD em Foco. Revista de Educação a Distância**, v. 6, s/n, 2016. p. 87-101.

ROSADO, L. A. S; FERREIRA, G. M. S. (Orgs.). **Educação e tecnologias: parcerias**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2015.